



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
REITORIA

Fls. 1075
408
R.G. 14085-177
M.D.

RELATÓRIO DA REITORIA DA
PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
SOBRE OS ACONTECIMENTOS DO DIA 22

A Reitoria da Universidade Católica, promoveu levantamento dos fatos que culminaram com a invasão de suas instalações, prisão de professores, alunos e funcionários. O resultado desse levantamento é o seguinte:

I. Os Fatos

1. No dia 21 de setembro, 4a. feira, a sede principal da PUC (Rua Monte Alegre),, bem como outros "campi" universitários da Capital (USP e G.V.), amanheceram cercados por tropas da Polícia Militar. Os alunos da PUC foram impedidos de entrar no quarteirão da Universidade para suas aulas. Os professores e funcionários, só entraram mediante identificação e apresentação de documentos de trabalho. Tendo em vista a gravidade da situação a Reitoria emitiu um comunicado, lamentando não ter recebido informação do cerco, o que desrespeitava sua autoridade legitimamente constituída e suspendendo o expediente da Universidade (documento nº 1). Sabedora do alcance que essa medida e o próprio cerco policial poderiam tomar, a Senhora Reitora da PUC transmitiu telefonicamente ao Pro-



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
REITORIA

2.

fessor Doutor Edson Machado de Souza, Diretor do DAU, o conteúdo do comunicado de suspensão das aulas e encerramento do expediente da Universidade naquele dia, a partir das 11 horas da manhã. Após isto, permaneceram no recinto da Universidade apenas alguns funcionários e professores. Pelas 19:30 horas somente os guardas noturnos custodiavam os edifícios.

2. No dia seguinte, 22 de setembro, as aulas foram retomadas normalmente. Os jornais do dia anunciavam que os delegados do IIIº ENE tinham sido presos na Faculdade de Medicina da USP, na tarde de 21, mas liberados em seguida. Os mesmos periódicos comunicavam que na USP teria lugar uma assembleia geral de protesto pela não realização do IIIº ENE. No nosso campus instalou-se, pelas 12 horas, uma assembleia metropolitana de estudantes no salão de vivência dos alunos, denominado Salão Beta, com cerca de 600 participantes. Essa assembleia estava anunciada por cartazes, já pela manhã.

A assembleia metropolitana do Salão Beta decidiu realizar um ato público na noite daquele mesmo dia (dia 22 de setembro), na Rua Monte Alegre, diante do Teatro da Universidade (TUCA). À Reitoria não chegou, evidentemente, nenhum comunicado ou pedido de autorização por parte dos alunos. Pelas 15:30 horas, afixaram-se cartazes confirmando o ato público para 21 horas do mesmo dia.

No período noturno, as aulas se iniciaram normalmente apesar do clima agitado. Pelas 21 horas, nas ruas de confluência com o nosso campus, em frente ao TUCA, reuniram-se cerca de 1000 pessoas, que após afixarem feixes e cartazes na fachada do Teatro, deram início ao que passaram a chamar de "ato público de repúdio à repressão do IIIº ENE".

./.



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

REITORIA

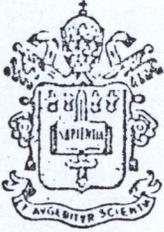
Fis. 409 1044
E.G. 14082177
M.D.

3.

Logo após o término da referida assembléia, por volta das 14 horas, quando funcionários e Reitoria regressavam do almoço, começou a circular a informação de que um grupo de delegados teria realizado secretamente o encontro proibido em uma das salas do prédio novo. Tal notícia, segundo diziam diversas pessoas, teria sido comunicada aos estudantes no fim da assembléia do Salão Beta.

A direção da Universidade não tinha absolutamente conhecimento de qualquer indício de uma possível realização do IIIº ENE em nosso campus naquela data. Um telefonema, anterior ao dia 22, feito pela Senhora Delegada Regional do MEC, Professora Dalva Assumpção Souto Maior, que mantivera contato direto com o Senhor Diretor do DEOPS, Doutor Romeu Tuma, nos avisara da possibilidade de a PUC vir a ser escolhida como local para o IIIº ENE no dia 21 de setembro, 4a. feira, e não no dia 22, um dia para nós normal, embora tenso, uma vez que a Polícia já havia detido e mesmo já liberado os quase 200 participantes que tentavam realizar o encontro na Faculdade de Medicina da USP. Segundo os jornais da manhã, a questão parecia haver chegado ao fim através de um diálogo em que tomaram parte o Diretor ou Professores da Faculdade de Medicina. Os delegados, segundo os mesmos matutinos, haviam sido admoestados, mas sem enquadramento na Lei de Segurança Nacional. Tudo isto nos deixara relativamente tranquilos. No entanto, os boatos sobre a realização do IIIº ENE nas dependências da PUC circulavam. Não sabemos dizer se aconteceu realmente alguma coisa ou se se tratava de uma provocação. Se o encontro se deu efetivamente dentro da PUC, ele se fez de forma tão sigilosa que nada foi possível detectar. É importante, contudo, mencionar um fato que só bem mais tarde chegou ao conhecimento da Reitoria. Uma faxineira alertou o Senhor Vicente de Milis, funcionário da Faculdade de Direito, que na sala 225 havia uma

./.



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
REITORIA

4.

cesta de papéis pegando fogo. Isto se deu mais ou menos na hora em terminara já a assemblêia do Salão Beta. Os funcionários que acorreram ao local souberam que naquela sala estivera reunido, por algum tempo, um grupo de pessoas. Teria sido isto o IIIº ENE? Note-se que o prédio novo da PUC tem 43000 metros quadrados de área, dispondo de mais de 120 salas, com entradas de todos os ângulos e acesso por 4 ruas. Não é difícil que um grupo de pessoas aí entre e permaneça algum tempo despercebida.

Por volta das 21:30 horas iniciou-se a repressão policial com a presença do Senhor Secretário da Segurança Pública do Estado. Ao mesmo tempo em que esta concentração era dissolvida, ocorreu a invasão do campus da Universidade, quando salas de aula, locais destinados à Administração, corredores e outras dependências várias foram invadidas por policiais em trajes civís e em uniformes, com bombas de gaz e de efeito moral, cassetetes de choque elétrico, e armas de tiro rápido.

No decorrer do violento assédio, cerca de 900 policiais perseguiram os manifestantes em fuga pelo campus a dentro. Também mais de 1500 pessoas que se encontravam no interior dos prédios, professores, funcionários e alunos foram arrancados de seus locais de trabalho e das salas de aula, muitos agredidos selvagemente, e conduzidos entre ofensas e bordoadas, em fila indiana, para um estacionamento de carros, ao lado da Universidade. Aí foram coagidos a se sentarem no chão, aguardando uma decisão sobre sua sorte. Aproximadamente 900 pessoas foram conduzidas por ônibus da Prefeitura ao Batalhão Tobias de Aguiar. Destes, 37 foram posteriormente indiciados na Lei de Segurança Nacional. Dos 37 indiciados, seis pertencem à PUC-SP. Os demais professores, funcionários e alunos em número aproximadamente de 1000, todos da PUC, foram liberados, após humilhante espera. Consta que um certo nũ

./.



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

REITORIA

410 1095
R.G. 140 83177
Sup

5.

mero de alunos absolutamente inocentes foram conduzidos à Polícia e aí fichados. Esperamos poder corrigir ao menos essa injustiça.

O Vice-Reitor Comunitário da PUC, Pe. Doutor João Edênio Reis Valle esteve presente durante todo o tempo, funcionando, após, a primeira e mais forte explosão de violência, como mediador junto ao Senhor Secretário da Segurança. A Senhora Reitora Doutora Nadir Gouvêa Kfourri chegou quando todos já estavam recolhidos ao improvisado campo de concentração. Estava acompanhada pelo Professor Doutor Hermínio Alberto Marques Porto, corregedor Geral do Ministério Público e diretor da Faculdade de Direito da PUC.

Cumprasse assinalar que a manobra policial parecia visar premeditadamente não apenas a dissolução do ato que ocorria na via pública, mas a invasão da Universidade, com vistas em especial aos Diretórios Estudantis e alguns departamentos acadêmicos e salas de professores.

A Polícia Técnica, após interdição de toda área, procedeu a levantamentos fotográficos e pelas 4 horas da manhã um caminhão da Polícia Militar embarcou grande quantidade de material retirado de alguns Diretórios Acadêmicos.

3. Na 6a. feira, dia 23 de setembro, a PUC foi interdita da pela Reitoria, a fim de a Administração proceder ao levantamento dos estragos físicos sofridos durante a invasão da noite anterior (veja doc. nº 2). Cada chefe de setor ou departamento apresentou elenco dos danos de sua respectiva área. O relatório final, com fotografias que dão idéia do porte das destruições estão no anexo nº 1. Os alunos não tiveram acesso à Universidade nesse dia.

Ante a opinião pública a Reitoria se manifestou com nota à imprensa (veja doc. nº 3). Em telefonema à Senhora Diretora Regional do MEC em São Paulo, Doutora Dalva Souto Maior, a Senhora Reitora solicitava encaminhamento ofi-



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
REITORIA

6.

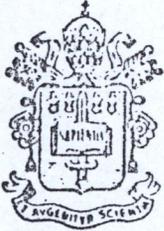
cioso da notícia ao Excelentíssimo Senhor Ministro da Educação, até que fosse preparado um relatório oficial circunstanciado dos fatos.

No sábado, a Associação de Professores da PUC-SP convocou uma Assembléia Geral. O Boletim da APROPUC dá conta do acontecido (veja doc. nº 4).

4. Segunda feira, dia 26 de setembro, foi um dia de grande tensão na Universidade. Reinavam o medo, a desconfiança e a revolta. Oficialmente reiniciamos as atividades, uma vez que a limpeza geral já tinha sido executada durante o fim de semana estando interditadas apenas as salas mais devastadas, com a finalidade de garantir a perícia da Polícia Técnica (o que foi realizado ainda na 2a. feira). Os alunos se dirigiram às classes, mas as aulas tiveram andamento totalmente irregular. Em cada um dos períodos os alunos realizaram breves assembleias, que não julgamos oportuno proibir, a fim de não exacerbar ainda mais os ânimos. Tais reuniões tiveram andamento moderado, decidindo-se os alunos por atitudes simbólicas, como um mutirão de limpeza em suas instalações de D.As. A Reitoria julgou conveniente (doc. nº 5) comunicar aos estudantes que não se permitia uma greve. O Movimento Estudantil, que engloba outras grandes Universidades, ao que tudo indica, não desistiu de proclamar novo ato público, dentro da USP, para um dos próximos dias. A posição de nossos alunos se é que se pode falar de uma posição de fundo, é a de só participar de tal ato, se outros setores da opinião pública derem o seu apóio.

Ao longo da 2a. feira, a Reitoria comunicou, após entendimento com diversos de nossos Professores da Faculdade de Direito, entre os quais o já citado Doutor Hermínio Alberto Marques Porto, o Senador Franco Montoro, o Doutor Dirceu de Mello e outros, que, dando sequência ao pe

./.



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
REITORIA

411-1046
R.C. 14033 172
Lup

7.

dido de abertura de inquérito, iria tomar ainda as seguintes providências na justiça: petição ao Senhor Procurador Geral da Justiça, solicitando a designação de um Promotor para acompanhar o inquérito policial; representação ao Senhor Juiz Corregedor da Polícia Judiciária pedindo sindicância para apuração do crime de abuso de autoridade definido na Lei 4898 de dezembro de 1965; petição à Procuradoria Geral da Justiça Militar do Estado solicitando instauração de inquérito policial militar. (veja documentos nºs. 6, 7 e 8).

À noite, as emissoras de TV e de rádio apresentavam ao grande público o material encontrado em salas pertencentes aos D.As. e em mini-gráficas aí existentes, constituídas por mimeógrafos e uma pequena impressora. Estavam presentes o Senhor Governador do Estado, o Senhor Secretário da Segurança e a Senhora Delegada Regional do MEC. Ao menos na versão apresentada pelos noticiários de Televisão, várias afirmações feitas não correspondem à verdade dos fatos, em especial duas: a de que conhecíamos previamente a realização do IIIº ENE na PUC no dia 22 e que fomos avisados disto pela Professora Dalva Souto Maior; e a de que as salinhas com mimeógrafos e impressora "offset" eram da PUC. Pareceu-nos ainda que se insinuava, cavilosamente, que a PUC de São Paulo, era uma ponta de lança do Partido Comunista. Quando à afirmação de nosso prévio conhecimento a respeito da realização do IIIº ENE enviamos ao Senhor Secretário da Segurança telegrama de repúdio, dando ciência do mesmo ao Senhor Ministro da Educação e ao Senhor Governador do Estado. (veja documento nº 9, 10 e 11).

./.



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
REITORIA

8.

II. Nossa posição ante os fatos

1. Quanto à atuação da polícia preferimos cobrir com o protesto do silêncio a nossa indignação e vergonha. Cabe aos homens honestos do Governo, à Justiça, à opinião pública e à história julgar o que aqui se passou.

2. Antes de mais nada, é preciso esclarecer que a gráfica da PUC nada tem a ver com as atividades ou o material alegadamente encontrado pela Polícia nas instalações das mini-gráficas de Diretórios Acadêmicos. A gráfica da PUC trabalha exclusivamente para fins didático-administrativos da Instituição e a direção da Universidade responde por absolutamente tudo o que aí é impresso.

3. Quanto à realização do III Encontro Nacional dos Estudantes nas dependências da Universidade, afirmamos publicamente que não tínhamos conhecimento do mesmo. Estava noticiado nos jornais e em diversos cartazes colados pelas paredes que tal encontro se daria na USP. Na Universidade Católica, apenas tivemos conhecimento da realização de uma Assembléia Metropolitana por volta do meio-dia de quinta feira passada. Esta aconteceu sem nossa permissão e sem que fôssemos dela notificados por qualquer órgão estudantil.

4. Caso tivéssemos conhecimento do III ENE nas dependências de nossa Universidade, teríamos negado terminantemente nossa permissão, como o fizemos em outras ocasiões, quando reuniões estudantis foram legal e formalmente proibidas (veja documentos nºs 12 e 13).

5. É preciso ressaltar que o próprio governador do Estado veio a público, mais de uma vez, dizer que dentro dos campi universitários deveria ser concedido um maior espaço para as assembléias estudantis. Também o secretário de Segurança falou em "territórios livres" e assim agiu

./.



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
REITORIA

Fls. 1047
412
R.C. 14035 171
[Signature]

9.

em mais de uma ocasião. Todos os jornais o noticiaram am
plamente.

6. As diretrizes provenientes do Ministério de Educação e Cultura, embora firmes, também se colocavam sempre na linha da prudência e do diálogo, sem provocações em relação ao comportamento dos estudantes.

7. Quanto ao material recolhido pela polícia nas dependências de órgãos estudantis, cumpre-nos dizer que o Senhor Vice-Reitor Comunitário, quando acompanhava as autoridades policiais, viu que efetivamente havia aí boa quantidade de panfletos, textos e cartazes diversos, muitos dos quais usados e distribuídos pelos estudantes paulistas em manifestações públicas, as quais tem tido cobertura fotográfica das grandes revistas e jornais. Mas encontrava-se aí também, farto material referente a atividades acadêmicas, como apostilas e livros, e a programações culturais e esportivas. Havia uma grande exposição de Livros (Feira de Livros) da Editora Forense. Não temos elementos para saber se o material exposto pelo DEOPS de São Paulo, quatro dias mais tarde, é realmente o mesmo. Sabemos apenas que um caminhão da polícia transportou grande quantidade de material dos D.As. Em tal caminhão foram embarcados também resmas de papel em branco.

É de conhecimento comum a existência de material deste tipo em praticamente todas as Universidades dos grandes centros brasileiros, sem que isto signifique conivência ou qualquer tipo de aprovação por parte de seus Reitores ou Responsáveis. As autoridades universitárias, do mesmo modo que os responsáveis pela segurança nacional, estão diante de um fato que é um desafio. Será a repressão pura e simples a verdadeira solução para tão complexo fenômeno? Será que o vocábulo "subversão" é suficiente para esgotar toda a inquietação e desejo de participar da juventude universitária?.

./.



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
REITORIA

10.

8. É indispensável e urgente que os órgãos do Governo responsáveis pelo bem comum, pela segurança e pela educação percebam que a questão da contestação juvenil, em especial a universitária, constitui um dos dilemas fundamentais da vida de todas as nações mais desenvolvidas. Não se trata de um fato isolado. Nele se refletem, necessariamente, as tensões e os conflitos ideológicos, sócio-econômicos e políticos que perpassam a sociedade como um todo. São muitos os setores sociais, e não apenas os jovens, que sentem o peso e a urgência dos impasses. Uma Universidade situada em um centro de pujança intelectual de São Paulo não pode deixar de ser trabalhada por todos estes complexos fatores.

Em nome de nossa consciência e responsabilidade de Professores Universitários, diante da Nação Brasileira, não podemos aceitar que a força bruta seja a solução. A Universidade Brasileira é chamada a dizer a sua palavra. O problema da criação de uma válida pedagogia política que introduza o jovem à vida pública e sócio-política é um dos maiores desafios que a nossa Pátria enfrenta. Cabe aos educadores, a quem estuda e pesquisa, cabe à Universidade e não a outros aparatos do Estado o encaminhamento de grande parte da solução. Cremos e esperamos que a Nação Brasileira e os homens que a dirigem serão capazes de perceber a urgência e a dificuldade desta imensa tarefa.



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
REITORIA

Fis. 1048
413
B.G. 14055 1.7.74
W.P.

11.

Nadir Gouvêa Kfour
Nadir Gouvêa Kfour
reitora

Cassimiro dos Reis Filho
Cassimiro dos Reis Filho
vice-reitor acadêmico

Armando João Caropreso
Armando João Caropreso
vice-reitor administrativo

João Edênio Reis Valle
João Edênio Reis Valle
vice-reitor comunitário